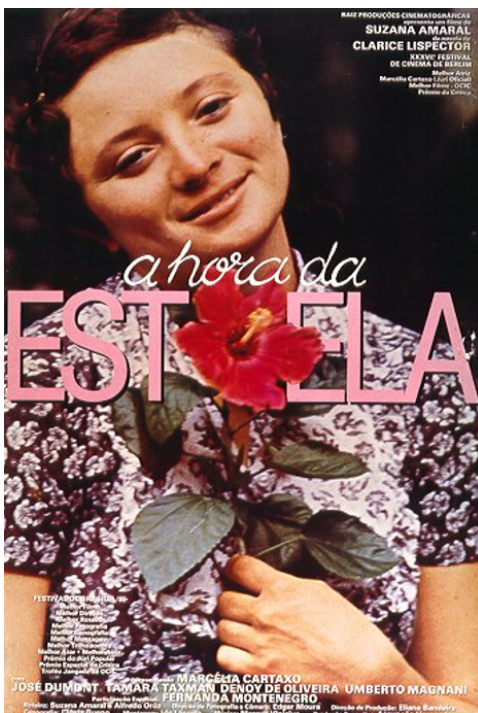


Clarisse Lispector – A Hora da Estrela

Obra

Gênero:	Romance
Ano de Publicação:	1977
Personagens:	Macabéa e Olímpico
Foco Narrativo:	Primeira Pessoa
Tema:	Vida sem perspectiva



Capa do filme, de 1985.

Metalinguagem

Rodrigo S. M. é o narrador-autor da história e inicia refletindo sobre ela. Ele diz: “Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e ‘gran finale’ seguido de silêncio e de chuva caindo”.

“(…) é preciso falar dessa nordestina senão sufoco”, diz Rodrigo S. M.

Macabéa é uma Alagoana de 19 anos. Foi criada por uma tia beata que batia nela; completamente inconsciente, raramente percebe o que há à sua volta: é alienada. Ela não sabe nada de nada. Feia. Mora numa pensão em companhia de três moças que são balconistas nas Lojas Americanas (Maria da Penha, Maria da Graça e Maria José). Datilógrafa.

No mês de maio, em um dia de chuva, encontra Olímpico de Jesus (Moreira Chaves), metalúrgico paraibano, com mania de grandeza:

- E se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca, o quê?
- Béa, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele”.

Ele prefere Glória: “apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade”. “O sertanejo é antes de tudo um paciente”.

Macabéa tem tuberculose (ela estava tossindo há mais de um ano)

Glória indica Madame Carlota, uma ex-prostituta.



“É coisa séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra”.

“E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a”.

(...) na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes”.

Questão

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. [...] Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

[LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998]

(ENEM) A elaboração de uma voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra *A hora da estrela*, de 1977, ano da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade porque o narrador

- observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- revela-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolher as palavras exatas.
- propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.